

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

Festa na Revista:
As Comemorações Cívicas do
Estado Novo na revista
Ilustração Brasileira
(1938 – 1943)

Luciane Felipe Santos

**Festa na Revista:
As Comemorações Cívicas do
Estado Novo na revista
Ilustração Brasileira
(1938 – 1943)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Dr. Marcelo Santos Abreu.

Uberlândia, Dezembro de 2010.

Festa na Revista:
As Comemorações Cívicas do
Estado Novo na revista Ilustração
Brasileira
(1938 – 1943)

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Marcelo Santos Abreu

Professora Dra. Luciene Lehmkuhl

Professor Dr. Alexandre de Sá Avelar

Ao meu avô, João Gabriel.

Agradecimentos

A Deus e ao meu anjo protetor.

Ao meu orientador, Marcelo Abreu, que aceitou o desafio de me orientar em tão pouco tempo. Foi compreensivo, um verdadeiro norteador. Ouviu minhas idéias e contribuiu com muitas, para a conclusão deste trabalho.

À professora Luciene Lehmkuhl, que plantou a semente dessa pesquisa em mim e hoje tenho a honra de tê-la em minha Banca Examinadora. Foi ela, com sua elegância única, em uma das aulas sobre o Estado Novo, que me inspirou a cavar mais fundo neste terreno que já era chamativo para mim desde o Ensino Médio.

Ao professor Alexandre Avelar, por aceitar participar da Banca Examinadora. Uma honra para mim. Eu o admiro!

Aos amigos, que fizeram parte dos meus inesquecíveis tempos de faculdade. À Lígia Perini, que sempre me ajudou em momentos em que estive “meio perdida” dentro da UFU. Eu a admiro e tenho orgulho da sua amizade. A minha amiga Sâmia Reis, por ter feito, junto com a Lígia, parte da minha história. Ao Thiago Barbosa Vieira, meu primeiro amigo de Curso, desde o primeiro dia de aula.

Ao Anderson Peixoto, meu grande amor, a pessoa que mais me apoiou nos dias de muito trabalho e pouco tempo. Companheiro presente e um presente na minha vida.

À minha família que tanto amo, meu pai, Erivaldo, e meus irmãos, Eder e Murilo, por entenderem minhas ausências enquanto estive na reta final deste trabalho.

E à minha mãe, Maria da Paz, que pelo fato de existir me faz imensamente feliz. É minha amiga e minha vida. É a razão disto tudo, e é a ela que ofereço a minha festa.

Resumo:

A partir de uma breve análise da revista Ilustração Brasileira, acerca da propaganda política do Estado Novo veiculada em suas páginas, no período de 1938 a 1943, espera-se evidenciar o esforço e investimento do Estado Novo numa propaganda de si mesmo e de seu governante, Getúlio Vargas, através das festas cívicas, visando atingir tanto quanto as classes subalternas, também as classes hegemônicas.

Sumário:

Introdução	8
Capítulo 1 – O Aniversário de Getúlio Vargas e o Dia do Trabalho nas páginas da Ilustração Brasileira	25
1.1 – Aniversário de Getúlio Vargas – 19 de Abril	27
1.2 – Dia do Trabalho – 1º de Maio	38
Capítulo 2 – O Dia da Pátria e o Aniversário do Estado Novo nas páginas da Ilustração Brasileira	43
2.1 – Dia da Pátria – 07 de Setembro	43
2.2 – Aniversário do Estado Novo – 10 de Novembro	58
Considerações finais	70
Referências bibliográficas	72

Introdução

O Estado Novo é um momento bastante revisitado pela historiografia política brasileira. Grande quantidade de trabalhos enfoca o período, que marcou mudanças significativas na constituição política e cultural do país. Até a década de 1970, o Estado Novo foi estudado como parte integrante do período chamado populista. A partir da década de 1980, procurou-se desvendar as próprias particularidades do referido período e apontar suas especificidades. O livro *Estado Novo: ideologia e poder*¹, publicado em 1982, foi um marco na nova perspectiva sobre o tema, reunindo artigos de pesquisadores do CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil .

Foram produzidas pesquisas sobre o trabalhismo, como o livro de Ângela de Castro Gomes, *A Invenção do Trabalhismo*², que é uma inovação comparado a outros trabalhos produzidos até então, que colocavam o governo como monopolizador e a massa de trabalhadores como sendo totalmente submissa. Ela se respalda nas relações culturais e no discurso. Também neste viés, Adalberto Paranhos, autor, dentre outros livros, de *O Roubo da Fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*³, que aborda a relação entre Estado, trabalhadores e ideologia principalmente no período entre 1942/1943. Paranhos fala da exaltação ao Estado Novo e que o engrandecimento da nação brasileira é um traço marcante da ideologia do trabalhismo, assim como é também o culto à imagem de Getúlio Vargas, como sendo o governante que “prevê” as necessidades do povo e “provê” as soluções.

¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. **Estado Novo**. Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

² GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

³ PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1999.

Um trabalho também muito considerado nas análises das representações sociais foi o de Alcir Lenharo, que buscou refletir sobre o discurso político e suas fontes culturais, sobretudo a religiosa⁴. Enxergou a constituição de um imaginário voltado para o controle social, com o deslocamento de imagens religiosas para o discurso do poder político. O discurso religioso legitimaria o campo das idéias políticas, num apelo às imagens e emoções importantes para a cultura religiosa brasileira.

Outra pesquisa também muito significativa e que caminha no sentido da análise do imaginário social e das representações políticas é o estudo comparado que Maria Helena Rolim Capelato⁵ fez entre o Estado Novo brasileiro (1937-1945) e o governo peronista argentino (1945-1955). A autora propôs temas de reflexão sobre a propaganda política e sua importância no imaginário social. Abordando dois contextos nacionais (Argentina e Brasil), por meio de imagens e de discursos, a autora aprofundou-se na análise do autoritarismo das propagandas veiculadas através dos meios de comunicação, da produção cultural e da educação nos dois países.

A constituição do Estado Novo se deu em 10 de novembro de 1937, porém essa política em resposta autoritária à existência da política de massas no Brasil já vinha se definindo desde o início da década, com a Revolução de 1930⁶, quando Getúlio Vargas ascendeu ao poder. A organização do poder dominante na primeira república foi destituída, o que culminou no estabelecimento de uma outra forma de governo que se fez valer pela utilização de elementos do imaginário, com objetivo de mobilizar energias para conseguir se legitimar no poder.

O poder está associado ao imaginário coletivo e para ganhar espaço e manter-se, é necessário preparar estratégias e discursos que tenham

⁴ LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus; Ed. Unicamp, 1986.

⁵ CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas/SP: Papirus, 1998.

⁶ 1930 foi e continua sendo tema de grandes debates e investigações historiográficas. Uma reflexão importante sobre o assunto pode ser vista em: DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930, o silêncio dos vencidos**: memória, história e revolução. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. Ver também: VESENTINI, Carlos A. DE DECCA, Edgar S. A revolução do vencedor. **Ciência e Cultura**, v.29, p. 25-32, jan. 1977, e TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30**: memória, história e revolução. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

considerável força de persuasão e convencimento. A respeito de representações políticas, Maria Helena Rolim Capelato e Eliana Regina de Freitas Dutra analisam a construção do imaginário social e das relações simbólicas a partir da construção do imaginário social:

“Quando uma sociedade, grupos ou mesmo indivíduos de uma sociedade se vêm ligados numa rede comum de significações, em que símbolos (significantes) e significados (representações) são criados, reconhecidos e apreendidos dentro de circuitos de sentido; são utilizados coletivamente como dispositivos orientadores/transformadores de práticas, valores e normas; e são capazes de mobilizar socialmente afetos, emoções e desejos, é possível falar-se da existência de um imaginário social. Ele se traduz como um sistema de idéias, de signos, e de associações indissoluvelmente ligado aos modos de comportamento e de comunicação. E a análise dos imaginários sociais ganha novos possíveis quando se começa a cotejá-los com os interesses sociais, com as estratégias de grupo, a autoridade do discurso, a sua eficácia em termos de uma dominação simbólica, enfim, com as relações entre poder e representação.”⁷

Após o golpe de Estado, realizado sem nenhuma participação popular, os representantes do poder tiveram que buscar uma forma de garantir espaço no domínio do país e isso foi feito por meio do autoritarismo político. Imagens e discursos foram canalizados e largamente utilizados para a consolidação e reafirmação de um imaginário coletivo, que se baseava no conservadorismo, patriotismo e trabalho, legitimando a cidadania do trabalho construída desde 1930. Precisava-se do apoio da sociedade e, para tanto, buscaram atingi-la através das propagandas políticas, veiculadas através dos meios de comunicação, bem como a repressão aos opositores. Muitos veículos de comunicação foram obrigados a aderir ao poder e os que não se curvaram sentiram a repressão causada pela censura.

Em 1931 foi criado o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), que em 1934 se transformou em Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Em 1939 foi criado, por decreto do governo, o Departamento

⁷ CAPELATO, Maria Helena R. & DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: (orgs.) CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir. *Representações*. Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas/SP: Papirus, 2000. p. 229.

de Imprensa e Propaganda (DIP), diretamente subordinado à Presidência da República, sob a direção de Lourival Fontes até 1942, seus sucessores foram o major Coelho dos Reis, de agosto de 1942 até julho de 1943, e o capitão Amilcar Dutra de Menezes, que atuou até a extinção do departamento, em maio de 1945. Em cada estado havia um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda e todos os jornalistas tinham que ter registro nesse órgão.

Fazia parte da alçada do DIP organizar e divulgar as produções artísticas e culturais que poderiam se transformar em elementos formadores de sentimento de nacionalidade das massas. Produzia objetos, livros, artigos, cartazes, espetáculos, enfim, tudo o que poderia ser utilizado como material de propaganda para enaltecer o poder do Estado Novo e de Vargas. O DIP foi criado para controlar, centralizar e orientar a propaganda oficial que se fazia em torno de Getúlio e do Estado Novo. Além do controle sobre a imprensa, a literatura, o teatro, o cinema, o esporte e recreação, a radiodifusão e quaisquer outras manifestações culturais, esse departamento também era coordenador das comemorações cívicas, que passaram a ser fundamentais na tentativa de aproximação entre o líder e o povo. E justamente são essas comemorações, sobretudo as que foram publicadas na revista *Ilustração Brasileira* entre os anos de 1938 a 1943 é que protagonizam o foco de interesse deste trabalho.

Ângela de Castro Gomes associa o conjunto de festividades – que eram coordenados pelo DIP – a outras práticas de propaganda política, já que as comemorações “*estruturam uma aproximação significativa e personalizada entre autoridades e o público trabalhador*”⁸. As festas de caráter cívico foram um dos tipos de propaganda política mais características do Estado Novo, e podemos perceber que contribuíram bastante para a fundação de uma mitologia envolvendo o trabalho, a educação, o controle e conhecimento do território, a organização centralista do Estado e o Presidente. Um exemplo claro de como as comemorações contribuíam para a unidade do povo e a tentativa de aproximação do Estado com as pessoas por meio de diferentes tipos de comemorações, independente da idade, sexo ou situação financeira,

⁸ GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalho**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 201.

está na referência que a revista Ilustração Brasileira faz à comemoração do 10 de Novembro, Aniversário do Estado Novo:

“Nunca o Brasil comemorou um acontecimento político com tão vibrante entusiasmo, como acaba de festejar agora o terceiro aniversário do regime. De norte a sul do país, as manifestações tiveram o mesmo caráter de empolgante unanimidade, o que mostra a que ponto o povo brasileiro compreende e aplaude a orientação política e a obra administrativa do Presidente Getúlio Vargas.

As solenidades arrastaram dos lares e das oficinas de trabalho milhares e milhares de brasileiros e tiveram o condão de unir pobres e ricos, empregados e patrões, velhos e crianças, no calor da mesma vibração cívica.

Algumas dessas cerimônias tiveram uma pompa fora do comum, enquanto outras se destacaram principalmente pela sua profunda significação. Entre as primeiras, deve-se mencionar especialmente a missa campal, realizada no Russell, na manhã do dia 10 de novembro. Entre as últimas, não se pode deixar de recordar a belíssima solenidade que foi a oferta feita ao Sr. Presidente da República de uma urna contendo terra de todos os Estados da Federação Brasileira, simbolizando a unidade da Pátria – unidade esta que o regime defendeu e fortificou.”⁹

Os jovens tiveram presença constante nas manifestações cívicas organizadas pelo Estado Novo. As crianças, desde cedo eram preparadas para a assimilação e aceitação de idéias de ordem, culto à pátria e ao presidente Getúlio Vargas, isso mostra o quanto era importante para o governo buscar apoio e legitimidade nas massas no que se refere à manutenção do poder. Para o governo era fundamental a criação e utilização de imagens e símbolos que demonstrassem seu envolvimento e preocupação com o povo¹⁰, expressando seu objetivo: formar o trabalhador ordeiro e produtivo e convencê-lo de que o melhor para ele e para o país é a sua união com o líder.

De acordo com Maria Helena Rolim Capelato, o poder utiliza meios espetaculares para marcar sua entrada na história e o Estado usou as festas cívicas para enfatizar a harmonia social e a eliminação de conflitos. A autora caracteriza as festas cívicas como espetáculos de poder, como forma de condução das massas, como um jogo dramático que persiste ao longo dos

⁹ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.68, Rio de Janeiro, dezembro 1940, p. 17. Grifos meus.

¹⁰ Ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena**. Propaganda Política no Varguismo e no Pernonismo. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 48.

anos, manipulando símbolos e ritos e estabelecendo cerimônias. Esses espetáculos, além de exaltar o poder do Estado, lidam com uma comunidade imaginada, de símbolos, costumes e tradições que são apropriados e reapropriados a partir do jogo de imagens e discursos. O cunho salvacionista e religioso presente nas festas cívicas é de suma importância para se compreender a adesão das massas, camuflando possíveis conflitos e dissonâncias em relação ao regime e suas formas de manifestação:

“Nos regimes autoritários que se fundamentam na política de massas, a teatralização tem papel mais importante: o mito da unidade e a imagem do líder atrelado às massas convertem o cenário teatral especialmente adequado para o convencimento. O imaginário da unidade mascara as divisões e os conflitos existentes na sociedade.”¹¹

Há uma grande relação entre as comemorações oficiais e a utopia da sociedade feliz. A propaganda dessas comemorações nos veículos de comunicação enfatizava a alegria do povo brasileiro, a afetividade e a cordialidade. Era importante mostrar uma sociedade feliz, estabelecida a partir da instauração do Estado Novo e suas realizações, e essas realizações deveriam ser comemoradas por meio das festas cívicas, claro que, com a participação das massas. Sendo assim é necessário ressaltar o papel fundamental que tiveram as festas comemorativas do Estado Novo no que diz respeito à relação entre governo e povo, já que fica claro o quanto essas festas contribuíam para uma aproximação entre o poder público e o povo. Numa festa cívica, têm forte presença as dimensões patriótica e política, nas quais os lemas como civilização e progresso e os mitos da nacionalidade se legitimam no culto à ordem.

A festa cívica também se constitui em um lugar de memória¹², cujo principal objetivo é a comemoração de um episódio ou de um personagem visto como significativo no contexto da história da nação. Para Pierre Nora¹³, lugares de memória, materiais ou não materiais são momentos instituídos para lembrar

¹¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena**. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998. P. 57

¹² Ver: NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire. In: **Les Lieux de Mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 1997.

¹³ Idem.

algo que seja referendado com valor de unanimidade e que necessita de instrumentos específicos para isso. Por isso os monumentos celebrativos, datas comemorativas e ações vinculadas à construção da memória da nação que relembrem e instituem um lugar ou momento para fazer vir à tona a memória referendada, para trazer novamente aqueles significados para o presente. Festas comemorativas, livros didáticos, ritos, monumentos, entre outros, constituem lugares de memória e guardam consigo significados simbólicos na construção de identidades.

Outra reflexão que auxilia na compreensão do papel e da importância das comemorações nesse jogo político é Claudia Schemes¹⁴, que compara as festas do Estado Novo do Brasil, com as festas cívicas na Argentina durante o governo peronista (1945-1955), abrindo espaço para a reflexão sobre o corpo nas paradas e festividades, associadas também ao esporte. Ela analisa as festas cívicas e esportivas como algumas das mais autênticas formas de propaganda política nestes regimes. As festas cívicas instrumentalizam o novo, reforçando a idéia de progresso e otimismo. O novo regime instaurado por Getúlio Vargas pregava o otimismo de transformações econômico-sociais e a idéia de um país próspero e feliz que estaria rumo a uma Nova Era.

Por mais que a idéia de uma sociedade harmônica tenha sido uma noção muito trabalhada pela propaganda política estadonovista, é importante ressaltar que ela não esteve totalmente consolidada na prática e seus receptores não devem ser vistos como agentes históricos meramente passivos. Como em qualquer regime autoritário, houveram os que não se curvaram aos ditames do regime em vigor e resistiram e, assim, desconstruíram a noção de sociedade homogênea e, só restava para a imprensa livre um recurso, o da clandestinidade, que foi bastante usado.

Neste ínterim, muitos também eram os que respondiam “à chamada do regime, que os incumbiam de uma missão: a de ser representante da

¹⁴ SCHEMES, Cláudia. **Festas Cívicas e Esportivas no Populismo**: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937 – 1945) e Perón (1946-1955). São Paulo: USP, 1995. (Dissertação de Mestrado).

consciência nacional”¹⁵. O DIP buscava atrair intelectuais e artistas das mais diversas áreas para mais próximo do governo, de preferência para participarem ativamente dele, “quanto mais afinado com o regime, mais participação no poder”.¹⁶ As elites intelectuais estiveram então presentes no cenário político, interferindo no processo de organização social. Através de uma política superior. Desse modo, de acordo com Mônica Pimenta Velloso, fica evidente a relação entre propaganda política e educação, uma vez que os intelectuais foram chamados a participar dos destinos da nacionalidade, executando o papel de “condutores” dos ideais do regime.

A partir da década de 1930 os intelectuais passam a atuar mais diretamente no âmbito do Estado pois se julgavam capacitados para promover o desenvolvimento, guiando o país para a ordem e unidade, difundindo a ideologia do regime, conforme queria o governo. A partir de 1937 “educar” a sociedade de acordo com os ideais do regime seria então a função social do intelectual. Mônica Pimenta Velloso cita como exemplo claro da importância dada ao intelectual, a entrada de Vargas para a Academia Brasileira de Letras, em dezembro de 1943. Segundo a autora, o presidente não era apenas pai dos pobres, era também pai dos intelectuais, “homem de pensamento e de ação, paradigma por excelência a ser seguido por toda a intelectualidade brasileira.”¹⁷

Nessa Perspectiva, o presidente seria então munido de uma inteligência superior e conseguiria resolver os problemas nacionais em clima de harmonia pois, além de tudo, era muito sensível e conseguia até mesmo se antecipar aos acontecimentos da realidade. Havia uma certa clarividência em suas iniciativas políticas, o que é mais uma das qualidades que caracterizavam este homem, o sujeito das ações do Estado. Na revista *Ilustração Brasileira*, temos um

¹⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In*: DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Jorge (Org.) **O Brasil Republicano** – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 153.

¹⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. A cooptação dos intelectuais. **BrHistória**. São Paulo, ano 1, n.5, 2007, p. 33.

¹⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In*: DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Jorge (Org.) **O Brasil Republicano** – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 155.

exemplo de como era latente a preocupação em transmitir essa imagem de um presidente que se antecipa aos eventuais problemas, que “trouxe” o Estado Novo justamente por prever que este seria fundamental para o bem geral da nação: “(...) *Acima de tudo, o gesto de 10 de novembro deve ser considerado como resultante da clarividência de um homem de governo com capacidade para prevenir acontecimentos ainda não esboçados. Foi obra de um vidente.*”¹⁸. Portanto, Getúlio, por ter a “sabedoria das multidões”, era um líder, contudo com uma estreita relação com os trabalhadores. Daí a mistura de chefe/guia e amigo/pai.¹⁹

Com o auxílio dos intelectuais, o Estado Novo teria sensibilidade e capacidade de extrair e exprimir a vontade popular, o que seria de grande serventia no âmbito da propaganda política, onde os intelectuais tiveram fundamental importância, contribuindo nos esforços do governo de manifestar sua ideologia através do cinema, arquitetura, dos programas radiofônicos, interferindo juntamente com o regime no setor musical - um meio eficiente de educação devido ao poder de atração e conscientização de indivíduos - e também participando das comemorações patrióticas que, como já citado, foram fundamentais para o fortalecimento dos sentimentos de unidade e nacionalidade. Ficam evidentes os esforços do governo em utilizar as manifestações culturais como canal de propagação de sua ideologia e também fica claro o controle que exercia sobre os meios de comunicação, como já citado anteriormente.²⁰

Durante o Estado Novo, Getúlio Vargas foi sendo mostrado como o homem exemplar e magnífico, que era responsável pelo progresso do Brasil. Ao mesmo tempo em que algumas das principais reivindicações dos grupos trabalhistas iam sendo atendidas, o governo assumia-se como protagonista deste processo, e a figura responsável por esses ganhos era, evidentemente, o presidente. Segundo a imagem que se difundia de Vargas, ele equilibrava

¹⁸ **Ilustração Brasileira**, ano XXI, n.104, Rio de Janeiro, dezembro 1943, p. 32.

¹⁹ Sobre relação povo e presidente ver: GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 218 - 226.

²⁰ Ver: VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Jorge (Org.) **O Brasil Republicano** – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 162–168.

razão e emoção e conseguia ditar leis usando a sabedoria mas também o coração. Na citação a seguir, fica ilustrada as inúmeras menções feitas a Getúlio, à legislação e aos trabalhadores:

“No sentimento dos trabalhadores brasileiros a palavra do presidente Vargas tem uma ressonância mais profunda que todas as outras. É a voz de um amigo. É o ensinamento de um guia. Amigo de todas as horas, desde muito tempo, desde os primórdios de sua candidatura, quando incluiu na plataforma de governo a resolução do problema social e de então por diante, sem descanso, nem fadiga, construiu para ele um monumento legislativo de dignificação do trabalho humano.”²¹

Ao Estado Novo, cabia integrar-se à vida popular amparando e dando condições de dignidade aos brasileiros sendo que, o respeito ao trabalho seria um meio eficaz de valorização do homem. O trabalho não mais deveria ser encarado como algo penoso, mas sim deveria ser encarado como a principal atividade do ser humano, um motivo de orgulho e felicidade.

“O trabalho – outrora forma de escravidão – é hoje um meio de emancipação da personalidade, algo que valoriza o homem e o torna digno do respeito e da proteção da sociedade. Viver honestamente do trabalho (...), encontrar em seu próprio esforço esse sentido de utilidade social capaz de canalizá-lo para o bem comum – é o maior dever do cidadão e sua mais alta virtude no Estado moderno.”²²

Nos discursos pró-governistas, o Estado Novo defendia uma política de apoio ao trabalhador, para garantir os direitos coletivos e também defendia o trabalho como sendo um “passaporte” para a dignidade, ser trabalhador era ganhar o atributo da honestidade e ser digno dentro do Estado Novo²³. A dimensão privada e pública do homem era definida por sua condição de trabalhador para que fosse reconhecido como cidadão e membro útil para a sociedade²⁴. Segundo CAPELATO:

²¹ Discurso de Marcondes Filho, ministro do Trabalho, publicado no **Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (BMTIC)**, n. 110, outubro de 1943, p. 332 – 333.

²² Almir de Andrade, “A evolução política e social do Brasil”, em **Cultura Política**, n.1, março 1941, p.6.

²³ Ver: GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 223.

²⁴ Ver: GOMES, Ângela de Castro. **“O redescobrimento do Brasil”**. In: “Estado Novo: Ideologia e poder, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

“(...) O trabalhismo constituiu um dos traços definidores da política varguista. A constituição do Ministério do Trabalho, a lei do sindicalismo, a legislação social compõem a estrutura da nova cultura política. No que se refere à cidadania/trabalho, a atuação do governo se fez sentir em duas direções: a primeira dizia respeito às concessões efetivas às classes trabalhadoras, e a segunda referia-se à propaganda dessa política com vistas a introjetar na consciência do cidadão trabalhador os compromissos da nova cidadania, aí se incluindo o sentimento de gratidão e retribuição”.²⁵

Ângela de Castro Gomes nos fala que a relação fundadora do Estado era uma relação de doação. Uma relação de dar e receber dádivas/presentes/benefícios. A dádiva é um procedimento que tem uma face teoricamente desinteressada. Contudo, quem doa o faz porque entende que precisa fazê-lo por alguma ordem de razões. A dádiva tem assim, ao mesmo tempo, uma feição obrigatória. Ela é igualmente um procedimento imposto e interessado, pois não dar é incidir em erro, em responsabilidade passível de algum tipo de consequência negativa.²⁶ Segundo a autora, a outorga torna possível a construção de uma sociedade sem conflitos, uma vez que ela impede o uso da força e acaba cumprindo o dever de Estado, que consiste em garantir a justiça social.

Da mesma forma que doar pode ser uma obrigação, receber igualmente é um dever. Toda dádiva só se cumpre quando aquilo que é dado é recebido, caso contrário acontece o descumprimento de uma obrigação social. Se quem dá o faz por “necessidade”, aquele que recebe “precisa” aceitar o benefício. Por este motivo, o Estado precisava não só doar, como criar a obrigação de receber.²⁷ Além de doar e receber, um outro termo também está presente na outorga: o retribuir. Quem dá algo, fica na expectativa de receber um retorno, e quem recebe cria o vínculo e assume um compromisso em retribuir, mesmo que ao longo do tempo. Ainda de acordo com Gomes, por esta lógica, quem

²⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas, SP: Papius, 1998. p.175.

²⁶ GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 211.

²⁷ Idem.

doa (Vargas) cativa lugar na memória de quem recebe (povo). Vale ressaltar que o povo não eram todos indistintamente:

“Eram todos que estavam dentro, os que estavam solidários entre si e com a autoridade. E a marca dessa solidariedade era dada por um princípio jurídico-econômico e também moral. O povo eram os que trabalhavam, por distinção aos que estavam de fora – os desempregados, os mendigos, os criminosos ou os subversivos, em suma, os marginais. Estes não recebiam e não retribuíam, logo não se comunicavam e não eram reconhecidos. Contudo, esta condição não precisava ser definitiva. O espaço político tinha uma porta bem nítida que permitia a passagem para dentro. O comprometimento pelo trabalho – entendido em lato sensu – significava ganhar identidade política, isto é, passar de um modo de ser para outro.”²⁸

Para Adalberto Paranhos o governo de Getúlio Vargas reconheceu e considerou as reivindicações operárias, mas delas se apropriou, redirecionando-as, como elementos integrantes de um projeto econômico que não foi espelho fiel de suas reivindicações, *“o Estado, à sua moda, procuraria apropriar-se da palavra operária, reelaborando-a, tanto quanto possível, ao sabor dos interesses dominantes. O que importa destacar, neste caso, ao contrário do que fazem as interpretações mais simplistas sobre os processos de dominação ideológica, é justamente a influência exercida pelas ideologias dominadas na produção das ideologias dominantes e/ou oficiais.”²⁹*

Segundo o autor, a propaganda que se fazia de Vargas, como sendo um sujeito generoso e clarividente, fazia parte de uma estratégia para tentar apagar da memória do trabalhador, as lutas com caráter reivindicatório que vinham se desenvolvendo desde o século anterior. Mais uma vez vemos o importante papel da propaganda política como auxiliar na manipulação das massas, pois intensificou o trabalho de difusão da ideologia do trabalhismo e o compromisso de lealdade e obediência que o trabalhador deveria ter com o Estado e seu criador.

²⁸ GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 214-215.

²⁹ PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala: As origens do trabalhismo no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 21.

Adalberto Paranhos vem nos mostrar que, ao contrário do que pregava o governo estadonovista, as mudanças positivas que aconteceram no que diz respeito aos direitos trabalhistas, foram produtos da pressão do proletariado, e não aconteceram pura e simplesmente porque Vargas era solidário e queria agradar aos pobres. No meu ponto de vista, o que o Estado fez foi “abafar” a luta dos trabalhadores, porque sabia que mais cedo ou mais tarde teria que atender suas reivindicações, e que a luta ficaria cada vez mais grave, então o governo decidiu atender aos trabalhadores, porém não deu a eles o mérito de terem conseguido seus propósitos, esse mérito ficou para Getúlio Vargas e para o Estado:

“O Estado, concebido como encarnação dos interesses nacionais, passou a ser visto como o agente privilegiado do bem estar social, cuja realização dependia do “clima de trabalho e de ordem” gerado pelo Estado Nacional graças à concessão da legislação social”.³⁰

As comemorações na Era Vargas contribuíram em grande medida para a fundação e consolidação do mito da doação da legislação social, que surge na ideologia do trabalhismo, já que muitas das vezes essas “doações” eram feitas durante as comemorações cívicas, como por exemplo em 1º de maio de 1938, quando o presidente anunciou o regulamento da lei do salário mínimo. A criação do mito que envolvia Vargas e o Estado Novo dependia em grande parte dos mais variados meios de comunicação, e claro, dependia também da imagem que era transmitida durante as comemorações.

Um exemplo claro sobre a imagem que era passada de Getúlio, através da imprensa, e também sobre as benfeitorias que eram anunciadas durante as comemorações cívicas, está na Ilustração Brasileira, na edição de abril de 1942, mês em que se comemora o aniversário do chefe da nação:

“A criança que trabalha, a criança que estuda, a criança que tem nobres aspirações na vida e a que precisa ser defendida contra as sedução do crime, todas as crianças tem

³⁰ PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala:** As origens do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 167.

encontrado no presidente Getúlio Vargas um protetor atento, um amigo compreensivo e sensível, um guia esclarecido e vigilante.

Dezenove de abril tornou-se assim um dia de grandes festas no Brasil, porque nele se festejam, ao mesmo tempo, o presente e o futuro, com a alegria que nos infunde a confiança em ambos.

Comemoramo-lo com desfiles escolares, com a inauguração de novas escolas ou de obras de assistência à infância. Festejamo-lo com os olhos postos no futuro, na certeza de que a geração que amanhã tomará nas mãos o destino da nossa Pátria sairá das fileiras da “Juventude Brasileira”, obra carinhosa do Presidente Getúlio Vargas, sã de corpo e de espírito, em condições de realizar as esplêndidas promessas com que o Brasil acena ao mundo.”³¹

As festas, além de se tornarem momentos aguardados pelos cidadãos pois, muitas vezes, eram usadas também para anunciar iniciativas governamentais favoráveis aos trabalhadores, eram usadas também para seduzir as massas e construir a imagem Getúlio Vargas como amigo, guia, e o mais famoso termo: “pai dos pobres”. A idéia de sociedade alegre que se instaurou com o Estado Novo poderia ser mais facilmente difundida e essa alegria compartilhada através das datas cívicas “por meio das festas promovidas pelo Estado para celebrar as realizações do governo”³².

É de suma importância ressaltar que assim como era do interesse do governo atingir os trabalhadores com as festas e outros meios de propaganda política, também havia preocupação em alcançar a elite. Os pobres e analfabetos, não eram o único interesse do Estado Novo, uma vez que, houve uma vasta produção escrita: livros, biografias, discursos, jornais, revistas, etc. Um exemplo era a revista de publicação oficial do DIP, *Cultura Política*, onde eram incluídos os projetos políticos do Estado Novo e era produzida por intelectuais. Outra revista produzida pelo DIP foi a *Ciência Política* que voltava-

³¹ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.84, Rio de Janeiro, abril 1942, p. 5.

³² CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena** – propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 61.

se para a difusão das idéias e conceitos elaborados pelos intelectuais da *Cultura Política*³³.

A propaganda política do Estado Novo usava o que havia de mais moderno nos meios de comunicação, como por exemplo as revistas ilustradas, que conseguiam reunir textos escritos e imagens, e contavam com idealizadores e produtores de suas campanhas propagandísticas. Sendo assim, devido à quantidade de material propagandístico escrito que era produzido e também devido à qualidade dos recursos modernos utilizados pela imprensa, mais uma vez fica claro que não era somente ao público analfabeto e/ou desprovidos de poder aquisitivo que falava o Estado Novo. Havia interesse em veicular propagandas políticas em revistas como a *Ilustração Brasileira*.



Figura 1: Ilustração Brasileira, página 49 da edição de novembro de 1940. Duas mulheres na praia de Copacabana, onde, “às delícias do sol maravilhoso e do banho de mar revigorante, a elite carioca se reúne para o deleite espiritual”

³³ Sobre as revistas *Cultura Política* e *Ciência Política* ver GOULART, Silvana. Op. cit., p. 89-106; e VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Estado Novo: ideologia poder**. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982, p. 71-108.

Um momento de culto às ações do governo, aos benefícios das leis trabalhistas e legitimação do regime se intensifica por meio da festa, quebrando e inibindo as manifestações e reivindicações operárias, emitindo o significado da festa para a permanência da ordem vigente, sem rupturas. Os festejos contavam com ampla participação popular, sem esquecer a presença obrigatória de alguns setores como escolas, Forças Armadas, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, entre outros. Aos veículos de informação era delgada a responsabilidade de firmar e divulgar essa relação de proximidade e alegria entre Vargas e o povo. Relação que também pode constatar nas páginas da revista *Ilustração Brasileira*.

A revista *Ilustração Brasileira*, que é a minha principal fonte de pesquisa e ao mesmo tempo objeto do estudo a ser realizado, me chamou a atenção porque integra o acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – CDHIS/UFU – o que possibilita uma maior facilidade no processo de análise das publicações, dos textos e das imagens. Mensário editado pela Sociedade Anônima “O Malho”, no Rio de Janeiro, a revista *Ilustração Brasileira* era de grande formato (36 x 27 cm), impressa em papel de boa qualidade, de quarenta a sessenta páginas (salvo edições especiais, que passavam de cem páginas). Teve como fundadores Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antônio Azeredo, passou por três fases de publicação: a primeira iniciou-se em 1909 e foi até 1915, havendo aí um intervalo; a segunda fase, iniciada em 1920, foi até 1930 e novamente interrompeu-se; em maio de 1935 as publicações retornam à circulação e assim anuncia o trajeto e o retorno da revista:

“Apareceu há mais de um quarto de século em Junho de 1909, fundada por Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antônio Azeredo, então diretores da Sociedade Anônima O MALHO., que editava varias publicações (...). Chefiava-lhe a redação Medeiros e Albuquerque, com exímios colaboradores: Olavo Bilac, Eduardo Salomonde, Paulo Barreto, Euclides da Cunha, D. Júlia Lopes de Almeida, Luiz Delfino, Agenor de Roure, Manuel Bonfim, Coelho Netto e outros. Do estrangeiro vinha-lhes assidua cooperação igualmente brilhante. Durou esta primeira phase

*seis anos, parando em 1915. Voltou a ILLUSTRAÇÃO a circular em 1920, mas, em 1930 viu-se coagida a de novo fechar se. Volve agora, animada da confiança de que o publico legente e culto a acolherá com a benevolente simpatia dos períodos anteriores."*³⁴

A revista *Ilustração Brasileira* compunha-se de muitas poesias, alguns contos, crônicas, muitas reportagens fotográficas e ilustrações. No conteúdo, artes, letras, assuntos sobre religião, política, exaltação a personalidades da história brasileira, questões econômicas, comportamento, moda, festas e recepções da alta sociedade. Alguns de seus colaboradores eram: Cláudio de Souza, Affonso de E. Taunay, Olegário Marianno, Gustavo Barroso, Afrânio Peixoto, D. Aquino Correa, Flexa Ribeiro, Martins Fontes, Major José Faustino Filho, Antônio Austregésilo, Rodrigo Octavio, Oswaldo Orico, Pedro Calmon, Alcydes Maia, José Maria Bello, Josué Montello, entre outros, quase todos, com raríssimas exceções, ligados à Academia Brasileira de Letras. A meu ver, a revista merece minha atenção por estar tão próxima e também por se tratar de mais um meio de comunicação em circulação durante o Estado Novo que não escapou ao caráter autoritário do período.

Nesse trabalho, mapearei com cautela dentre as comemorações do regime, cada comemoração do Dia do Trabalho (1º de maio), aniversário do Estado Novo (10 de novembro), aniversário de Getúlio Vargas (19 de abril), e Dia da Independência Nacional (07 de setembro), publicadas na revista, analisando as imagens e os respectivos textos referentes a essas festas bem como seus principais participantes. Proponho-me a analisar e problematizar o tratamento e a importância que cada comemoração recebeu da revista, compreendendo o período de 1938 a 1943.

³⁴ Revista **Ilustração Brasileira**, ano XII, n. 1, Rio de Janeiro, maio 1935.

CAPÍTULO 1 - O Aniversário de Getúlio Vargas e o Dia do Trabalho nas páginas da Ilustração Brasileira

A Constituição de 1937 estabelecia que a imprensa era um serviço de utilidade pública e por isso *não* poderiam os mais diversos periódicos se recusarem a publicar os comunicados do governo, caso contrário, teriam sua circulação ameaçada. Foi neste contexto que circulou majoritariamente a revista *Ilustração Brasileira*. Percebe-se, ao folhear a revista, que ela não se recusou a cumprir os ditames do Estado Novo. Ao contrário, o que vemos é a presença de um discurso de exaltação e concordância com o regime de Getúlio Vargas.

Grande parte da legitimação e apoio que Vargas e o Estado conseguiram deve-se ao investimento pesado em propaganda política. A partir da instauração do Estado Novo, com o amparo da censura, começou a ser projetado um grande líder nacional em sintonia com o Estado Novo, que equilibrava bondade, firmeza, sabedoria e simplicidade, um verdadeiro guia para a população brasileira. Na edição de abril de 1943 foi publicado um texto chamado “O Guia da Juventude Brasileira”, que exemplifica toda essa construção em torno da imagem de Getúlio Vargas:

“Toda a autoridade do Estado no Brasil está concentrada nas mãos de um homem. E o fato de não haver esse homem abusado de tanto poder, só tendo empregado essa enorme

autoridade em benefício da grandeza do Brasil deu-lhe, mais do que qualquer outra virtude humana e de qualquer outra qualidade de estadista, uma popularidade extraordinária, uma admiração irrestrita entre a nossa gente.

Depois da grande obra de organização e de progresso que realizou no Brasil, já ninguém discute a figura do estadista que fundou o Estado Nacional. Mas não é somente ao estadista que a Nação Brasileira admira e bemdiz, pelo muito que tem construído, pela prosperidade que semeou em todo país, pelo período de ordem e de fecundo trabalho que inaugurou e tem sabido dilatar através de anos e anos, pela dignidade de sua conduta em face dos outros povos.

A Nação Brasileira admira da mesma forma, ao homem simples e afável que é o Sr. Getúlio Vargas, e bemdiz a sua tolerância, o claro equilíbrio do seu espírito, a bondade natural do seu coração. Foram essas virtudes que principalmente conquistaram a juventude do Brasil que hoje vê no Presidente da República um guia e um amigo.

E eis porque a popularidade do Sr. Getúlio Vargas é tão forte. Ela não se funda em aparências exteriores nem dimana de nenhum dos atributos do poder: é uma irradiação de sua vigorosa personalidade, em que a energia e a bondade, o patriotismo e o senso de humanidade se harmonizam tão bem.

Por isso mesmo, a data do seu aniversário natalício, que transcorre este mês, deixou de ser um fato de sua vida privada para tornar-se um acontecimento nacional, celebrado não em fatigantes solenidades cívicas, mas festejado em todas as escolas e na maior parte dos lares brasileiros. É principalmente a juventude quem a festeja com aquela espontânea alegria que é uma das coisas mais belas e puras deste mundo. O Sr. Getúlio Vargas merece esse culto, não somente pelo que tem feito, mas também pelo que tem sabido ser – um homem que não se deixou perverter pela sedução do Poder e soube fazer da Força que tomou nas mãos um instrumento do bem geral, abrindo o caminho da reconciliação e da unidade da Nação Brasileira”³⁵

Esse texto foi publicado em abril, o mês de aniversário de Getúlio Vargas, e isso não foi mera coincidência. A importância dada pelo Estado Novo para essa data e a todas as datas cívicas eram fundamentais na perspectiva de destacar cada vez mais a figura do estadista, promover uma aproximação personalizada da sociedade com o chefe da nação e também de criar a

³⁵ **Ilustração Brasileira**, ano XXI, n.96, Rio de Janeiro, abr. 1943, p. 05.

imagem de uma sociedade feliz e festiva. Mais uma vez a ideologia estado-novista mostrava-se presente e materializada na da revista *Ilustração Brasileira*. O aniversário de Vargas era um tema muito presente na revista. Geralmente, as edições dos meses de abril e maio, sempre continham algum conteúdo de referência ao aniversário do presidente: fotos e textos com elogios e exaltação a Getúlio Vargas pela passagem de seu aniversário e por sua postura como “estadista”.

Não só a comemoração do aniversário de Getúlio ganhava destaque nas páginas da *Ilustração Brasileira*, mas também as comemorações das datas cívicas eram muito referenciadas. As edições de abril, maio, junho, setembro, outubro, novembro e dezembro, ou seja, os meses em que aconteciam as comemorações e também os posteriores, traziam diversos textos e inúmeras fotografias, distribuídas geralmente numa grande quantidade de páginas, com referências às comemorações do “Aniversário de Getúlio Vargas”, “Dia do Trabalho”, “Sete de Setembro” e “Aniversário do Estado Novo”. Veremos a seguir, cada uma destas comemorações.

1.1. Aniversário de Getúlio Vargas – 19 de Abril

A primeira referência encontrada na revista *Ilustração Brasileira*, em relação ao Aniversário de Getúlio Vargas, foi na edição de abril de 1940, na revista número 60, onde um pequeno texto sinaliza que no dia 19 daquele mês será o dia do presidente. O maior destaque está na forma de imagem, uma foto de Getúlio (Figura 1), que ocupa uma página inteira conforme a seguir:



Figura 1: Edição n. 60, ano XVIII, abril 1940, p.17.

No mês seguinte, na seção “De mês a mês”, que dedicava-se ao registro de acontecimentos nacionais, a revista registra em um pequeno texto que a data de 19 de abril foi comemorada como uma data nacional, mas que o presidente retirou-se em companhia de sua família para uma fazenda em Araxá, no estado de Minas Gerais. Como continuaremos a ver nas páginas da revista, era de costume de Getúlio Vargas se ausentar da capital na data de seu aniversário, porém na maioria das vezes suas fotos eram publicadas na revista, mostrando-o no seu íntimo, a parte das comemorações que aconteciam pelo país.

“O chefe da Nação achava-se em Araxá e passou o seu aniversário numa fazenda desse município mineiro, em companhia de sua família e íntimos. Mas, de toda parte chegaram-lhe as expressões de estima e respeito e os ecos de calorosas homenagens.”³⁶

³⁶ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.61, Rio de Janeiro, maio 1940, p. 36.

Minha análise acerca das comemorações do aniversário de Getúlio acontecerem, na maioria das vezes, em sua ausência, esbarra na relação de retribuição que Ângela de Castro Gomes também percebe em “*A Invenção do Trabalhismo*”, conforme já comentado na introdução deste trabalho. Faço um contraponto com a comemoração de 1º de Maio, que seria quando o presidente agradece o carinho do povo com dádivas aos trabalhadores ou discursos de incentivo, como veremos a frente, na análise feita a respeito do Dia do Trabalhador. Dessa forma, estas duas datas, 19 de Abril e 1º de Maio estão ligadas por uma relação de troca entre o presidente e os trabalhadores, em que a cada ano, acontece a dádiva e a retribuição de ambas as partes.

Na mesma edição, maio de 1940, a revista traz ainda uma matéria, composta por fotos comentadas, sobre a inauguração do estádio do Pacaembu, que aconteceu no mesmo mês do aniversário de Getúlio (Figura 2). Aqui fica a indagação sobre a questão de as realizações do governo serem evidenciadas com mais frequência nas proximidades das datas comemorativas. Inclusive, muitas bem feitorias do governo eram anunciadas durante as festas cívicas. Como já mencionado na introdução deste trabalho, as festas eram também momentos aguardados pelos cidadãos pois eram utilizadas para anunciar iniciativas favoráveis aos trabalhadores.



Figura 2: Edição n. 61, ano XVIII, maio 1940, p. 32 e 33.

Na edição de abril de 1941, revista número 72, a Ilustração Brasileira traz a matéria “O presidente Vargas e a Juventude Brasileira”, que fala sobre a preparação para a comemoração do aniversário do presidente Getúlio Vargas. As palavras exaltam a:

“vigorosa personalidade do Chefe do Estado que mais inteiramente se devotou ao desenvolvimento das melhores virtudes da raça e ao amparo da adolescência, da infância e da maternidade. (...) A criação da “Juventude Brasileira” veio mostrar ainda mais vivamente essa preocupação do Estado Nacional. Mas fora da atividade administrativa, toda gente sabe que não existe maior amigo da infância e da juventude do que o presidente Vargas. (...) Nada mais justo do que à Juventude Brasileira o dia do aniversário do chefe da Nação, reunindo assim na mesma festiva comemoração nacional a pessoa fundadora do regime e a invocação daqueles que trazem em si os destinos da pátria.”³⁷

Ao mapear a revista, foi percebido que as comemorações do aniversário de Getúlio Vargas tinham o propósito de aproximação do presidente com as pessoas, muito mais do que a exaltação ao Estado, como acontecia nas comemorações do aniversário do Estado Novo, por exemplo. O que transparece é que, o dia da Juventude Brasileira, criado no dia do aniversário de Vargas, tem o intuito de trazer Vargas para perto das pessoas, sobretudo dos jovens. Não se percebe separação de classes, nem preferência em estar entre trabalhadores ou elite, mas sim a afirmação do quanto toda a sociedade deve ser grata pelo homem que está no poder.

Na edição de maio de 1941, número 73, a revista reservou um espaço para homenagear o presidente. A matéria começa na página 13: “O Presidente Vargas no Dia do Seu Natalício” e informa ao leitor que enquanto todo o país festeja o aniversário do presidente, ele prefere passar esta data como de costume, ou seja, em comunhão com a natureza e distante das manifestações em torno do seu aniversário. As duas páginas seguintes são preenchidas por fotos de Vargas na fazenda Jardim, em Minas Gerais.

A partir da página 15 da mesma edição, o que se vê é uma série de solenidades em comemoração do aniversário do chefe da nação, dentre elas, o lançamento da pedra fundamental de um dos edifícios de apartamentos do

³⁷ **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.72, Rio de Janeiro, abril 1941, p. 5.

Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, para seus contribuintes e também os Aviões das Forças Aéreas Nacionais que voaram até onde se encontrava o presidente, em Itanhandú em Minas Gerais , para evoluírem em sua homenagem. Na página 18, inicia-se uma matéria a respeito das comemorações que foram realizadas no Distrito Federal:

“Revestiram-se do caráter de festa nacional as comemorações do aniversário natalício do Presidente Getúlio Vargas, este ano. Além das cerimônias realizadas nos Estados, a inauguração de elevado número de escolas, em obediência ao programa estabelecido graças a iniciativa da Cruzada Nacional de Educação, os Interventores Federais e o governador do Estado de Minas, bem como o prefeito do Distrito Federal, decretaram a comemoração, na data referida, do “Dia da Juventude Brasileira, associando desse modo a infância e juventude patricias à efeméride festiva.”³⁸

Nas páginas 20 e 21, um texto a respeito das principais realizações do governo mais uma vez evidencia a relação de troca entre o presidente e o povo, ou seja, o Estado, comandado por Getúlio Vargas, executa obras de melhoria para a sociedade e o povo agradece a dádiva oferecendo homenagens, demonstrando que tudo está sendo aceito de coração:

“Entre as realizações mais alviçareiras e significativas que assinalaram o aniversário natalício do Sr. Presidente da República, está a fundação de escolas em todos os municípios do Brasil. O Distrito Federal, atualmente sob uma administração das mais fecundas, a cuja frente se encontra o espírito progressista do prefeito Henrique Dodsworth, participo desse movimento nacional que emprestou novo relevo à data – já de si tão cara ao país – do natalício do Chefe da Nação, inaugurando escolas e outros melhoramentos que a população carioca recebeu com as maiores demonstrações de júbilo.

Entre esses melhoramentos, figura o começo das obras para a abertura da avenida Presidente Vargas, realização de larga envergadura, destinada a produzir os mais salutaros efeitos no que tange ao descongestionamento do tráfego urbano do Rio. Esta obra continua de modo mais brilhante, a série de construções e demolições que estão remodelando maravilhosamente o Rio e resolvendo, corajosa e praticamente,

³⁸ **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.73, Rio de Janeiro, maio 1941, p. 18.

*o problema das comunicações e dos transportes na capital do país.*³⁹

Na mesma edição consta ainda uma nota na seção “De mês a mês” sobre o aniversário de Vargas, repetindo sobre a escolha da data do “Dia da Juventude Brasileira” e também sobre a inauguração de novas escolas em conjunto com o início de outras obras para melhoria da capital, Rio de Janeiro. Acredito que a repetição das informações que estão evidentes nessa edição, não são em vão. Deve ser proposital o destaque repetido que a revista deu às inaugurações das escolas que o Estado realizou justamente no dia do presidente, que não por coincidência também é o Dia da Juventude Brasileira:

“O dia natalício do Sr. Presidente Getúlio Vargas foi escolhido para ser o “Dia da Juventude Brasileira”. A data de 19 de abril teve, portanto, uma grande ressonância em todo o país, principalmente porque, além das comemorações cívicas, graças à Cruzada Brasileira de Educação, em cada município do país, se inaugurou uma escola.

*No Distrito Federal a prefeitura não se limitou a inaugurar uma nova escola: também deu começo a uma das maiores obras empreendidas nestes últimos anos pela municipalidade do Rio. Referimo-nos naturalmente, à abertura da Avenida Presidente Vargas, destinada a exercer um papel de suma importância no sistema de comunicações da capital federal, desfogando enormemente o tráfego para a zona norte.”*⁴⁰

A edição de abril de 1942 traz uma ilustração com a figura imponente de Vargas, que ocupa toda a página 4 (Figura 3), e traz também, na página 5, um texto intitulado “O Presente e o Futuro Enlaçados Numa Data”, que mais uma vez liga a data do aniversário de Getúlio Vargas ao “Dia da Juventude Brasileira”. Esse texto, assim como os outros, exalta a figura de Getúlio como sendo aquele que mais se preocupou com os problemas dos jovens e crianças:

“A criança que trabalha, a criança que estuda, a criança que tem nobres aspirações na vida e a que precisa ser defendida contra as seduções do crime, todas as crianças tem encontrado no presidente Getúlio Vargas um protetor atento,

³⁹ **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.73, Rio de Janeiro, maio 1941, p. 20 e 21. Grifos meus.

⁴⁰ **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.73, Rio de Janeiro, maio 1941, p. 58.

um amigo compreensivo e sensível, um guia esclarecido e vigilante.

Dezenove de abril tornou-se assim um dia de grandes festas no Brasil, porque nele se festejam, ao mesmo tempo, o presente e o futuro, com a alegria que nos infunde a confiança em ambos.

Comemoramo-lo com desfiles escolares, com a inauguração de novas escolas ou de obras de assistência à infância. Festejamo-lo com os olhos postos no futuro, na certeza de que a geração que amanhã tomará nas mãos o destino da nossa Pátria sairá das fileiras da “Juventude Brasileira”, obra carinhosa do Presidente Getúlio Vargas, sã de corpo e de espírito, em condições de realizar as esplêndidas promessas com que o Brasil acena ao mundo.”⁴¹

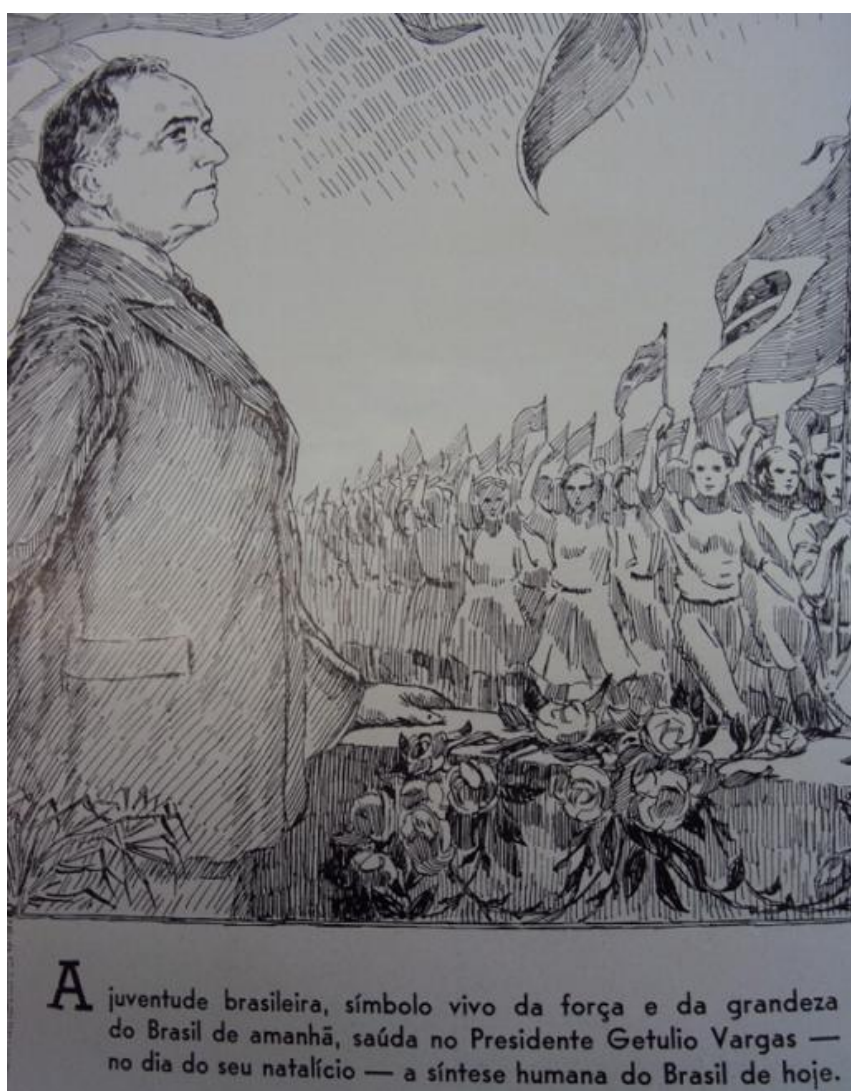


Figura 3: Edição n. 84, Ano XX, abril de 1942.

⁴¹ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.84, Rio de Janeiro, abril 1942, p. 5.

Na edição de maio de 1942, revista número 85, quatro páginas foram dedicadas às comemorações referentes ao dia do presidente. Entre as comemorações, um desfile das delegações escolares na praia do Russell, por ocasião da missa campal, que evidencia o cunho salvacionista e religioso presente nas comemorações cívicas, conforme apontado na introdução deste trabalho. A matéria “As comemorações do Dia do Presidente”, páginas 16 e 17, contou com muitas fotografias (Figuras 4, 5 e 6) e um pequeno texto referente as comemorações realizadas na capital:

“Todo o Brasil vibrou de entusiasmo cívico por ocasião das comemorações da passagem do aniversário natalício do Presidente Getúlio Vargas, e nesta capital, mais do que em qualquer outro ponto do país, o “Dia do Presidente” teve especial relevo, sendo inúmeras as manifestações com que se assinalou aquela efeméride tão grata nos corações dos brasileiros.”⁴²



Figura 4: Edição n. 85, Ano XX, maio de 1942, p. 16. Foto da esquerda: Jornaleiros da Fundação Darcy Vargas, desfilando garbosamente na festa realizada na praia do Russell. Foto da direita: Escoteiros do Mar, na concentração para o desfile na praia Russel.

⁴² **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.85, Rio de Janeiro, maio 1942, p. 17.



Figura 5: Edição n. 85, Ano XX, maio de 1942, p. 16. Desfile das diversas delegações escolares, por ocasião da Missa Campal, celebrada na praia de Russell, com a assistência de altas autoridades.



Figura 6: Edição n. 84, Ano XX, abril de 1942, p. 17. Delegações escolares formadas em frente ao Palácio Tiradentes.

Ainda na mesma edição, na página 36, temos outra matéria com referência ao aniversário de Getúlio: “Como o Instituto dos Bancários comemorou o Dia do Presidente”, que anuncia a inauguração de uma rua inteira de residências construídas para os associados do Instituto de

Aposentadorias e Pensões dos Bancários. Na página, flagrantes da inauguração das primeiras residências, no bairro do Engenho Novo, o que constituiu contribuição marcante às comemorações do Dia do Presidente.⁴³ Na página 37 desta edição, uma matéria intitulada: “A Prefeitura do Distrito Federal no Dia do Presidente”. Esta matéria informa sobre a associação do aniversário natalício de Getúlio Vargas a inauguração de várias creches construídas em diferentes pontos da cidade.⁴⁴

Na edição de Abril de 1943, a capa foi dedicada ao Presidente Getúlio Vargas (Figura 7), e também o texto “O Guia da Juventude Brasileira”, que ocupou uma página inteira:

“Toda a autoridade do Estado no Brasil está concentrada nas mãos de um homem. E o fato de não haver esse homem abusado de tanto poder, só tendo empregado essa enorme autoridade em benefício da grandeza do Brasil deu-lhe, mais do que qualquer outra virtude humana e de qualquer outra qualidade de estadista, uma popularidade extraordinária, uma admiração irrestrita entre a nossa gente.

Depois da grande obra de organização e de progresso que realizou no Brasil, já ninguém discute a figura do estadista que fundou o Estado Nacional. Mas não é somente ao estadista que a Nação Brasileira admira e bem diz, pelo muito que tem construído, pela prosperidade que semeou em todo país, pelo período de ordem e de fecundo trabalho que inaugurou e tem sabido dilatar através de anos e anos, pela dignidade de sua conduta em face dos outros povos.

A Nação Brasileira admira da mesma forma, ao homem simples e afável que é o Sr. Getúlio Vargas, e bem diz a sua tolerância, o claro equilíbrio do seu espírito, a bondade natural do seu coração. Foram essas virtudes que principalmente conquistaram a juventude do Brasil que hoje vê no Presidente da República um guia e um amigo.

E eis porque a popularidade do Sr. Getúlio Vargas é tão forte. Ela não se funda em aparências exteriores nem dimana de nenhum dos atributos do poder: é uma irradiação de sua vigorosa personalidade, em que a energia e a bondade, o patriotismo e o senso de humanidade se harmonizam tão bem.

⁴³ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.85, Rio de Janeiro, maio 1942, p. 36.

⁴⁴ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.85, Rio de Janeiro, maio 1942, p. 37.

Por isso mesmo, a data do seu aniversário natalício, que transcorre este mês, deixou de ser um fato de sua vida privada para tornar-se um acontecimento nacional, celebrado não em fatigantes solenidades cívicas, mas festejado em todas as escolas e na maior parte dos lares brasileiros. É principalmente a juventude quem a festeja com aquela espontânea alegria que é uma das coisas mais belas e puras deste mundo. O Sr. Getúlio Vargas merece esse culto, não somente pelo que tem feito, mas também pelo que tem sabido ser – um homem que não se deixou perverter pela sedução do Poder e soube fazer da Força que tomou nas mãos um instrumento do bem geral, abrindo o caminho da reconciliação e da unidade da Nação Brasileira”⁴⁵



Figura 7: Capa da edição de abril de 1943: uma única bandeira, um único chefe – Getúlio Vargas.

A edição de maio de 1943, traz uma pequena matéria na página 41, com fotos de Getúlio junto de seu neto e seu genro em uma fazenda (Figura 8). O

⁴⁵ **Ilustração Brasileira**, ano XXI, n.96, Rio de Janeiro, abr. 1943, p. 05.

presidente, mais uma vez prefere passar o seu aniversário longe das comemorações e homenagens geralmente realizadas pelo país.



Figura 8: Edição n. 97, Ano XXI, maio de 1943.

Enquanto analisava a revista e as comemorações, percebi algo que vale a pena destacar. A partir de 1941, quando foi instituído o Dia da Juventude Brasileira, a ocasião do aniversário do chefe do Estado passou a ser praticamente exclusiva para a aproximação de Vargas com os jovens, ou pelo menos era essa a imagem que se queria transmitir, a de um líder convicto no futuro da nação. Acerca das comemorações do dia 19 de abril, concluo que a promoção do governo se fazia através da fé na juventude, assim como se fazia através do trabalhador nas comemorações de 1º de maio, como veremos a seguir.

1.2. Dia do Trabalho – 1º de Maio

Assim como o aniversário de Getúlio Vargas, a data cívica do “Dia do Trabalho” também recebeu muito destaque nas páginas da Ilustração Brasileira. O “Dia do Trabalho” aparece pela primeira vez na revista Ilustração

Brasileira na Edição de número 73, em maio de 1941. A seção “De mês a mês” traz uma pequena referência sobre a data comemorativa 1º de maio:

“As comemorações do “Dia do Trabalho” não foram propriamente em abril, mas em 1º de maio, mas seria absurdo, por uma questão de respeito a convenções, ter de registrá-las no número de junho desta revista. Vai, pois, aqui mesmo. Elas tiveram grande imponência e uma significação especial. Foi colocada a pedra fundamental do obelisco que será erigido pelas classes trabalhistas.”⁴⁶

O fato de uma nota, ainda que pequena sobre o Dia do Trabalho, ter saído na revista, quando a mesma deveria trazer notícias referentes ao mês anterior, ou seja o mês de abril, o mês de comemoração do aniversário de Getúlio, não me aparece como mera coincidência. Ainda mais na edição de 1941 que, como já vimos anteriormente neste mesmo capítulo, foi um ano em que muito se repetiu sobre as inaugurações de escolas em homenagem ao aniversário do presidente Vargas.

Na edição de número 85, mês de maio de 1942, a seção “De mês a mês” traz mais uma pequena nota sobre os festejos do dia 1º de maio, ocorridos no Estádio do Vasco (Figura 9), e presididos por Marcondes Filho, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio: “Os flagrantes mostram aspectos dessa monumental concentração, vendo-se S. Excia quando lia o discurso do Presidente Vargas e uma parte da assistência e do desfile operário.”⁴⁷

⁴⁶ **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.73, Rio de Janeiro, maio 1941, p. 59.

⁴⁷ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.85, Rio de Janeiro, maio 1942, p. 39.



Figura 9: Edição n. 85, ano XX, maio 1942, p.39.

No ano seguinte, 1943, a edição de número 97 traz uma matéria intitulada: O “Dia do Trabalho”, com um pequeno texto e fotos (Figura 10), a revista faz referência à grande concentração da Esplanada do Castelo, em frente ao Palácio do Trabalho, onde Getúlio discursou e foi aclamado por uma multidão que, segundo a revista, foi composta por trabalhadores. O presidente aproveitou a oportunidade para entrar em contato direto com a massa trabalhadora e se pronunciar e, de acordo com a revista, sua oração foi ouvida com interesse por todo o país.



Figura 10: Edição n. 97, ano XXI, maio 1943, p.38.

O “Dia do Trabalho” era um momento de aproximação mais íntimo com o trabalhador. Claro que Vargas e o Estado, aproveitavam de todas as comemorações para se aproximar de toda a sociedade, pois como já citado na introdução deste trabalho, não acredito que era apenas a massa trabalhadora que o Estado Novo queria atingir, uma vez que uma gama de revistas, periódicos, cartilhas e livros eram contemplados com as ações do governo, e isso prova que a elite e os intelectuais também eram alvo da propaganda política do governo. Mas o 1º de Maio, era um momento de aproximação com o grande “público” trabalhador, era o momento esperado pelos trabalhadores, seja para receber as dádivas⁴⁸ ou para retribuir através de homenagens enquanto o líder proferia algum discurso a favor do trabalho. Um momento de agradecimento e não de reclamações e luta, momento que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) encarregava-se de preparar, garantindo a participação popular uma vez que a presença de alguns setores como escolas, operários de certas fábricas, integrantes das Forças Armadas (também muito

⁴⁸ Ver: GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

presentes nas comemorações do Dia da Pátria e também do Aniversário do Estado Novo, como veremos no capítulo seguinte), eram obrigatórias.

CAPÍTULO 2 - O Dia da Pátria e o Aniversário do Estado Novo nas páginas da Ilustração Brasileira

2.1. Dia da Pátria – 07 de Setembro

Como vimos até o momento, as comemorações estão estampadas na revista Ilustração Brasileira também através de muitas imagens. Porém pude perceber ao longo da pesquisa, que as duas comemorações contempladas neste capítulo são ainda mais ricas em recurso imagético. As imagens foram exploradas com a finalidade de seduzir as massas e fazê-las aderir ao regime, uma vez que fazia parte das intenções do Estado Novo alcançar o trabalhador que, em sua maioria, era analfabeto.

Os intelectuais que estavam a disposição de Vargas e do Estado, tinham o desafio de “educar” a sociedade de acordo com os ideais do novo regime e, sendo assim, reconheceram e exploraram todo o potencial das imagens no sentido de levar a mensagem ao público de maneira rápida e eficaz. Um intelectual ligado ao Estado Novo, Cassiano Ricardo, em *Marcha para o Oeste*, fez uma colocação que acredito ilustrar tudo o que podemos ver nas páginas da Ilustração Brasileira e outras produções que circularam durante o Estado Novo: “(...) *Só a imagem, pois, convence o povo, em nossa democracia sentimental. Uma imagem vale cem vezes mais do que um argumento.*”⁴⁹

A revista número 42 do ano de 1938 dedicou duas páginas para as comemorações a cerca do dia 07 de Setembro. A matéria “O Dia da Pátria” é constituída de imagens do desfile da juventude das escolas (Figuras 11), e também da representação imponente das forças militares de terra e mar e tropas policiais (Figura 12), na capital, diante do coreto presidencial armado na praça Deodoro, no qual se encontrava, ao lado do chefe do governo e altas autoridades federais, o Chefe Maior do Exército Argentino, o General Quiróga.

⁴⁹ RICARDO, Cassiano. Citado em: LENHARO Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986, p. 55.



Figura 11: Edição n. 42, ano XVI, outubro 1938, p. 15.



Figura 12: Edição n. 42, ano XVI, outubro 1938, p. 14.

O ano seguinte, em outubro de 1939, a edição número 54 mostra o movimento da Parada Militar (Figura 13) realizada na capital federal e a Parada da Mocidade (Figura 14) que:

“(...) realizada como nos últimos anos, na semana da independência, foi uma exibição de saúde, força, alegria e disciplina da Juventude do Brasil. Nela se apresentaram os corpos discentes dos estabelecimentos de ensino da capital federal, numa ordem admirável, o que provocou os mais vivos aplausos do numeroso público presente.”⁵⁰



Figura 13: Edição n. 54, ano XVIII, outubro 1939, p. 11.



Figura 14: Edição n. 54, ano XVIII, outubro 1939, p. 11.

⁵⁰ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.54, Rio de Janeiro, outubro 1939, p. 11.

Em setembro de 1940, a edição número 65 mostra mais uma vez a “Parada da Juventude” (Figura 15) e o desfile das forças militares (Figura 16):

“Mais de 30.000 jovens das escolas do Rio desfilaram perante o chefe de governo e altas autoridades civis e militares no dia 04 de setembro. No dia 07, realizou-se a parada militar em que tomaram parte nossas forças de terra, contingentes navais norte-americano, uruguaio e paraguaio, tropa da polícia de São Paulo.”⁵¹



Figura 15: Edição n. 65, ano XVIII, setembro 1940, p. 37.



Figura 16: Edição n. 65, ano XVIII, setembro 1940, p. 36.

⁵¹ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.65, Rio de Janeiro, setembro 1940, p. 36.

A edição de setembro de 1941, número 77, dedica duas páginas inteiras às comemorações da “Semana da Pátria” fazendo referência ao 07 de setembro como sendo a maior data cívica do calendário histórico do Brasil. A principal comemoração aconteceu no campo do Vasco, onde associaram-se *“espontânea e entusiasticamente o povo, acrescentando notar que este ano tivemos a dar maior brilho a todas as cerimônias as representações dos Exércitos argentino e paraguaio, que nos mandaram a flor de sua mocidade militar, num gesto de confraternização altamente significativo.”*⁵²

A matéria mais extensa aparece na edição número 89, de setembro de 1942. Um total de 12 páginas foram dedicadas às comemorações em torno da “Semana da Pátria”, que tiveram início com a solene missa campal, celebrada no aeroporto Santos Dumont em ação de graça pela constante grandeza do Brasil e restabelecimento do Presidente Getúlio Vargas (Figura 17). Na mesma edição aparecem também fotos da “Parada Trabalhista na Semana da Pátria” (Figura 18) e “Os Servidores do Estado na Semana da Pátria” (Figura 19). Dentre as “Solenidades da Semana da Pátria” (Figura 20), destacam-se a conferência sobre o tema “Brasil Majestoso”, conduzida pelo diretor do Banco do Brasil, Dr. Pedro Rache, no Palácio Tiradentes e também a sessão solene inaugural da XI Conferência Pan – Americana, presidida pelo Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, á qual compareceram importantes delegações nacionais e estrangeiras.

⁵² **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.77, Rio de Janeiro, setembro 1941, p. 10.



Figura 17: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 15.



Figura 18: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 16 e 17.



Figura 19: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 18.



Figura 20: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 19.

Ainda nesta edição, encontramos “O dia da Raça” na Semana da Pátria (Figura 21). Nas fotos da página, temos Getúlio Vargas com sua esposa no coreto oficial, de onde assistiram ao desfile da juventude e também foto do desfile do Colégio Militar, que abriu a celebração.



Figura 21: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 20.

Sobre o “Dia da Independência” propriamente dito, a revista traz uma bela imagem da concentração de 25.000 alunos (segundo a revista) das escolas municipais nas arquibancadas do Estádio do Vasco (Figura 22), onde o Presidente Vargas proferiu um discurso. Também neste dia, tivemos o “Grande Desfile do Dia da Independência” (Figura 23), que aconteceu na Praça da República, em frente ao Palácio da Guerra, onde as forças de terra, mar e ar estiveram em continência ao Presidente da República. As fotos nos mostram a organização do desfile e a grande quantidade de espectadores que estiveram presentes (Figura 24).



Figura 22: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 21.



Figura 23: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 24.



Figura 24: Edição n. 89, ano XX, setembro 1942, p. 25.

Na página 26, um texto escrito por Octavio Figueiredo de Medeiros, Capitão de Mar e Guerra, descreve as comemorações da “Semana da Pátria” como sendo uma demonstração de amor, uma verdadeira eclosão de sentimentos que indica o grau de patriotismo que atingido, ou que se queria mostrar:

“(...) Correspondendo aos desejos do Governo da República no sentido de interessar, nesse movimento cívico, todas as classes sociais, a Comissão Organizadora dos Festejos da “Semana da Pátria” procurou realizar um programa de que participassem as forças vivas da Nação. Dentro desse critério, convocamos a mocidade, o operariado, os servidores do Estado, para demonstrações públicas que deixaram a melhor impressão de espírito que anima o povo brasileiro (...). O valor desses espetáculos impõe-nos deveres cada vez maiores. Eles correspondem ao justo desejo do povo. Inspirando-se nisso o Exmo. Sr. Presidente Dr. Getúlio Vargas desdobra todos os anos novos panoramas de cultura, ensinando o povo a rezar a cartilha do civismo e rezando com ele as mesmas orações pela Pátria, em louvor da qual será sempre pouco tudo o que por ele fizemos.”⁵³

⁵³ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.89, Rio de Janeiro, setembro 1942, p. 26.

A edição número 101, de setembro de 1943 é recheada de imagens fotográficas a respeito da Semana da Pátria. A revista começa a tratar sobre a Semana da Pátria já no início da edição, na página 5 e somente mais adiante, a partir da página 15 é que ela vai tratar das comemorações propriamente ditas. No texto da página 5, a revista não faz referência ao Presidente Vargas, mas somente ao Brasil e sua unidade:

*“Apagamos dissensões, desmanchamos divergências, suprimos arestas e animosidades, porque se restabeleceu a compreensão fraternal de que o Brasil é um só, na sua extensão e na sua estrutura, e que uma só deve ser sua atitude nacional, na defesa, no amor e na veneração da pátria. Todos nós, nas casernas, nas escolas, nas oficinas nos jornais, somos soldados do Brasil”*⁵⁴

A revista já começa a matéria fazendo uma homenagem a Getúlio, com uma pintura de seu rosto e exaltando sua voz condutora e o patriotismo e homogeneidade dos brasileiros:

⁵⁴ **Ilustração Brasileira**, ano XXI, n.101, Rio de Janeiro, setembro 1943, p.5.

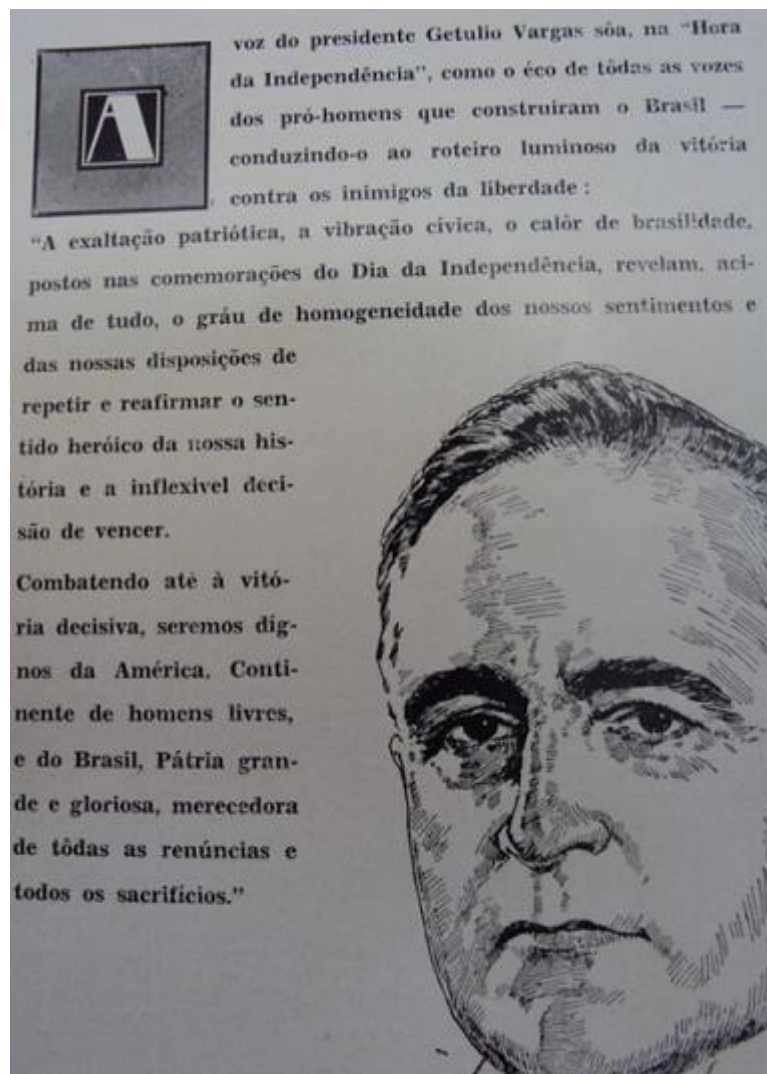


Ilustração Brasileira, ano XXI, n.101, Rio de Janeiro, setembro 1943, p. 14.

A revista continua a matéria mostrando as principais comemorações durante os 07 dias da Semana da Pátria. É importante ressaltar que, como veremos adiante nas imagens, houve o cuidado de colocar cada ação comemorativa em um dia da semana e as imagens que veremos são respectivas a um calendário, ou seja, remetendo a inserção das datas cívicas no cotidiano da sociedade. No dia 1º temos a “Festa da União Nacional (Figura 25), demonstração cívica realizada no campo de esportes Botafogo, que contou com os esforços do DIP e do Departamento de Educação Nacionalista da Municipalidade e, segundo a revista, contou com a participação de seis mil alunos das escolas do Distrito Federal. Para encerrar a festa, ouviu-se uma saudação orfeônica ao Presidente Vargas e ao Brasil. No dia 02 (Figura 26)

“Os Primeiros Instrutores de Defesa Passiva” receberam, no Palácio Tiradentes, seus certificados. Cerca de 450 professores e inspetores do ensino secundário e comercial receberam saudações do Ministro Gustavo Capanema. Além disso, músicos do Exército levaram o povo carioca a alegria e o entusiasmo de seus dobrados e hinos.

No dia 03 de setembro, aconteceu a inauguração do busto do Duque de Caxias, oferecido pelo Exército Brasileiro ao Itamarati (Figura 27). O dia 04 foi marcado pelo Desfile da Juventude Brasileira (Figura 28). Quinze mil jovens desfilaram diante do Presidente da República, entusiasmados, garbosos e confiantes. De acordo com a revista, foi uma grandiosa festa cívica. O dia 05 foi o dia da “Festa da Criança Brasileira”, promovida pelo DIP e realizada na Quinta da Boa Vista. O presidente Vargas fez questão de levar a sua saudação a centenas de milhares de crianças e colaboradores do seu governo (Figura 29). No 6º dia (Figura 30) aconteceu a “Recepção ao Corpo Diplomático” no Palácio do Catete e no dia 07 de setembro “A Hora da Independência” (Figura 31). Getúlio Vargas, aclamado deliberadamente pelo povo, enlaçou um memorável discurso no estádio do Vasco da Gama, que estava cheio. Além disso, no dia 07, tivemos também a “Grande Parada Militar” (Figura 32) e a inauguração do Monumento Rio Branco, “um dos atos mais sugestivos dos últimos dias da Semana da Pátria”.



Figura 25: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 15.



Figura 26: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 15.



Figura 27: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 16.



Figura 28: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 16.



Figura 29: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 17.



Figura 30: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 18.



Figura 31: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 18.



Figura 32: Edição n. 101, ano XXI, setembro 1943, p. 18.

No conjunto de textos fotos que vemos acima, pode-se notar a afirmação do Estado Nacional e também da união das classes, da unidade do povo brasileiro. A exaltação a Getúlio Vargas acontece, nas comemorações do “Dia da Pátria”, de uma maneira diferente das demais analisadas. Aqui ele é o “continuador” da Independência do Brasil, aquele que comemora e valoriza a independência (embora atue numa ditadura) e que é patriota acima de tudo. Deixa de ser amigo e coloca-se no lugar de chefe condutor. Deixa de estar entre o povo, em meio às crianças e operários para estar em coretos ou palcos, sempre “acima” do povo e dos que se apresentam perante ele nos desfiles e apresentações cívicas que, ao meu ver, remetem a um Estado em ordem e disciplinado, assim como os desfiles registrados nas imagens.

2.2. Aniversário do Estado Novo – 10 de Novembro

Após análise de todas as comemorações propostas, chego a conclusão de que em nenhuma das outras se exaltou tanto Getúlio Vargas e o Estado

Novo quanto no seu próprio aniversário, o 10 de Novembro. O conteúdo imagético é significativo, mas o que chama a atenção é a quantidade de textos escritos, enaltecendo a figura do estadista que fundou o Estado Nacional. A propaganda que se faz aqui é o de um Estado vitorioso, que consegue superar todos os problemas do passado, e de um chefe trabalhador, otimista e apaixonado pela sua obra. Um chefe munido de clarividência – e este termo foi utilizado pela própria revista – uma de suas qualidades já citadas por outros autores e na introdução deste trabalho.

A edição número 44, de dezembro de 1938, dedica um espaço na sessão De mês a mês para publicar uma nota a cerca do primeiro aniversário do novo regime:

*“As comemorações do primeiro aniversário de instalação do Estado Novo foram muito significativas. Na véspera o Sr. Presidente da República reuniu os jornalistas e concedeu-lhes impactante entrevista, delineando os grandes problemas administrativos da atualidade brasileira e revelando as soluções que o governo tinha para os mesmos. O chefe da nação expôs igualmente as realizações do Estado Novo. No dia 10, entre as cerimônias mais interessantes do programa, salientou-se a inauguração do novo Palácio do Ministério do Trabalho, realizando-se na ocasião, imponente parada trabalhista.”*⁵⁵

O trecho destacado acima é um exemplo do quanto o presidente Vargas utilizou das datas comemorativas para a promoção do Estado Novo e de si próprio. Já no primeiro ano, o chefe da nação aproveitou para listar suas realizações na direção do país e inaugurar o Ministério do Trabalho, um “presente” do Estado para o povo trabalhador. Nota-se aqui, desde cedo, a preocupação em destacar o Estado Novo e Getúlio Vargas como protagonistas do progresso do país que, a partir de 10 de novembro de 1937, estaria preocupado em garantir a valorização do homem trabalhador.

Na edição número 56, de dezembro de 1939, a revista Ilustração Brasileira faz referência às comemorações do Cinquentenário da República, o Aniversário do Estado Novo e o Dia da Bandeira na mesma matéria. Um período rico em vibrações cívicas, segundo a revista, em que o Departamento

⁵⁵ **Ilustração Brasileira**, ano XVI, n.44, Rio de Janeiro, dezembro 1938, p. 40. Grifos meus.

de Imprensa e Propaganda promoveu palestras sobre as realizações do regime e uma missa campal, na Praia do Russell e em seguida um desfile de bandeiras, em comemoração a data da nossa bandeira. O fato de as três comemorações referidas acima, estarem juntas na mesma edição, não me parece mera coincidência. Colocar a comemoração do primeiro ano do novo governo junto de datas já “consagradas” pode apontar uma tentativa de inserção da data na memória – e cotidiano - das pessoas, além de remeter a uma re-fundação da pátria.

Na edição de novembro de 1940, número 67, a revista não trata exatamente da comemoração do aniversário do Estado Novo, que se deu naquele mês, mas sim da fisionomia do chefe da nação desde a instauração do novo regime. Todavia, julgo importante citar neste trabalho, que tanto fala a respeito da figura alegre e amiga de Getúlio Vargas ter sido construída também nos períodos de comemorações e vibrações cívicas, um texto que a revista dedica muitos elogios ao chefe da nação:

“No momento em que a Nação Brasileira comemora o 3º ano do novo regime, todas as atenções se fixam na figura do Presidente da República. Há dez anos, o Sr. Getúlio Vargas, marchando do Rio Grande do Sul, a frente de uma revolução vitoriosa que rapidamente se espalhara por todo país e contagiara de entusiasmo todo o povo brasileiro, chegava ao Rio de Janeiro para empunhar as rédeas do governo.

Não era um homem carrancudo esse ousado chefe da revolução, mas uma figura moça irradiando simpatia e sadio otimismo, conquistando pela energia disciplinada e a persistente força de vontade. Aqui está, nesta página (Figura 33), um instantâneo desse risonho condottiere, apanhado durante a grande arrancada revolucionária de 1930, na cidade de Curitiba. Naquela época ainda eram incertos os destinos da revolução brasileira, mas a serena confiança transparece na fisionomia desse homem que marchava para derrubar o governo da república e 18 governos estaduais. Anos de luta para manter a ordem e salvar da anarquia a nação, os trabalhos de reconstrução de um país e de criação de toda uma nova ordem social, os anos de cansaço e vigilância, as mil e uma preocupações de um estadista que ama a sua obra e capricha na sua realização porque sabe que está vivendo para a posteridade.

Dez anos de governo não se compõem de 3650 dias de tranqüila felicidade, mas sim de milhares e milhares de horas

*de vigílias, angustias, decepções e trabalho, trabalho e mais trabalho. Ainda assim o Sr. Getúlio Vargas não perdeu o bom humor, sinal evidente da saúde de corpo e de espírito que o sustenta, e conserva o sorriso que enche de confiança o nosso povo.*⁵⁶

No mês seguinte, 1940, na edição número 68 publicada em dezembro, já dentre as primeiras páginas, a revista homenageia Getúlio Vargas com uma foto que ocupa toda a página (Figura 34), com a seguinte legenda: “S. Excia, o Presidente de República, Dr. Getúlio Dornelles Vargas, fundador do Estado Nacional Brasileiro, cujo terceiro aniversário a nação inteira festejou a 10 de novembro.”⁵⁷

Na página 17, um texto retrata a tentativa de aproximação do Estado Novo com o povo. Vemos, na citação a seguir, que o governo queria atingir a todos, independente de classe social, sexo ou idade:

*“Nunca o Brasil comemorou um acontecimento político com tão vibrante entusiasmo, como acaba de festejar agora o terceiro aniversário do regime. De norte a sul do país, as manifestações tiveram o mesmo caráter de empolgante unanimidade, o que mostra a que ponto o povo brasileiro compreende e aplaude a orientação política e a obra administrativa do Presidente Getúlio Vargas. As solenidades arrastaram dos lares e das oficinas de trabalho milhares e milhares de brasileiros e tiveram o condão de unir pobres e ricos, empregados e patrões, velhos e crianças, no calor da mesma vibração cívica. Algumas dessas cerimônias tiveram uma pompa fora do comum, enquanto outras se destacaram principalmente pela sua profunda significação. Entre as primeiras, deve-se mencionar especialmente a missa campal, realizada no Russell, na manhã do dia 10 de novembro. Entre as últimas, não se pode deixar de recordar a belíssima solenidade que foi a oferta feita ao Sr. Presidente da República de uma urna contendo terra de todos os Estados da Federação Brasileira, simbolizando a unidade da Pátria – unidade esta que o regime defendeu e fortificou.”*⁵⁸

No decorrer das próximas 6 páginas (18 a 23), a revista retrata, em forma de imagens, as comemorações em torno desta data, que marca o

⁵⁶ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.67, Rio de Janeiro, novembro 1940, p. 11.

⁵⁷ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.68, Rio de Janeiro, dezembro 1940, p. 8.

⁵⁸ **Ilustração Brasileira**, ano XVIII, n.68, Rio de Janeiro, dezembro 1940, p. 17. Grifos meus.

terceiro aniversário do Estado Novo (Figuras 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42 e 43) .



Figura 33: Edição n. 67, ano XVIII, novembro 1940, p. 11.



Figura 34: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 8.



Figura 35: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 18. Entrega de uma urna contendo terra de todos os Estados da Federação Brasileira simbolizando a unidade da pátria.

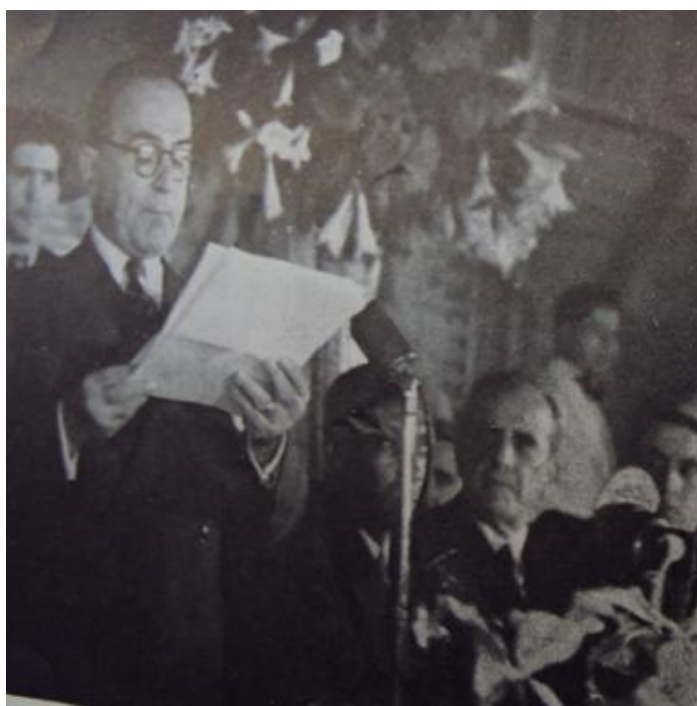


Figura 36: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p.18. Getúlio discursando em um banquete que lhe foi oferecido pela classe operária, no novo Restaurante Popular, inaugurado pelo Instituto dos Industriários.



Figura 37: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 18. Getúlio Vargas quando agradecia a homenagem que lhe fizeram 60.000 escolares no Palácio Guanabara.



Figura 38: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 19. Aspecto parcial do Campo do Russell durante a missa campal.



Figura 39: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 20. Perante multidão reunida na Esplanada do Castelo enquanto Getúlio Vargas fala à Nação, no mesmo local histórico onde leu sua plataforma de candidato em 1930.

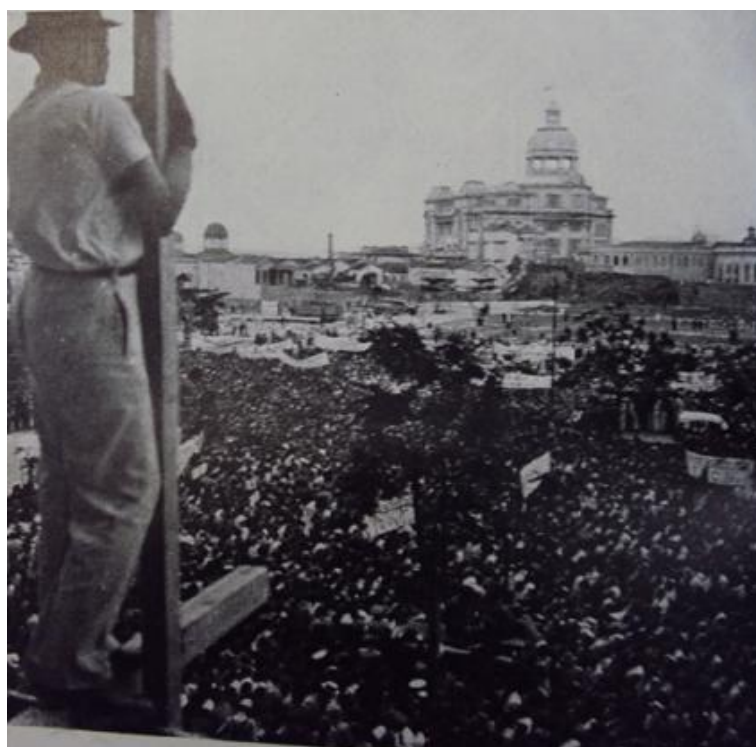


Figura 40: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 21. Vista do alto da Esplanada do Castelo, mostrando a multidão que ali se reuniu no “Dia da Gratidão Operária” para ouvir e homenagear o presidente.



Figura 41: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 21. Mais uma foto, de outro ângulo, da Esplanada do Castelo, mostrando a multidão que ali se reuniu no “Dia da Gratidão Operária” para ouvir e homenagear o presidente.



Figura 42: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 22. Getúlio Vargas, na Feira Internacional de Amostras, no pavilhão do DIP, onde estão documentadas as realizações do seu governo.



Figura 43: Edição n. 68, ano XVIII, dezembro 1940, p. 23. Aeroclube promoveu Manguinhos em comemoração ao decênio da Revolução de 1930.

Em dezembro de 1941, a edição número 80, Vargas foi homenageado pelo Exército Nacional no Palácio de Guerra e também por cantores cariocas no Palácio Guanabara. Em meio às comemorações, o presidente fez visita ao Instituto de Tecnologia, cuja a frente foi tomada pela multidão devido a presença do chefe da nação. Ainda por ocasião do aniversário do Estado Novo, Getúlio viajou para São Paulo, onde falou aos estudantes superiores no Palácio dos Campos Elísios, arrancando aplausos dos universitários.

O fato de a revista ter anunciado que Getúlio participou de uma visita ao Instituto de Tecnologia e, na mesma matéria, ter citado a visita também aos universitários, em São Paulo, nos remete a pensar sobre o fato de a propaganda realmente não ser feita para atingir apenas à classe operária. Não era somente aos pobres e trabalhadores analfabetos que Getúlio queria ver sua imagem de companheiro, mas também aos intelectuais, também à elite.

No ano de 1942, o Estado Novo completou cinco anos de vigência. A revista *Ilustração Brasileira* trouxe na sua edição de novembro, número 91, um texto em homenagem a Vargas e ao novo regime que amparou e dignificou o trabalho:

*“No momento em que a Nação Brasileira, na totalidade de suas forças, festeja o quinto aniversário do Estado Novo, a figura do Presidente Getúlio Vargas, fundador do regime e chefe do governo, avulta no meio de uma grande obra administrativa e política. Suas realizações abrangem todos os campos da atividade, desde a instrução até a construção naval. Grandes obras públicas ergueram-se em todo o país. Inúmeras fábricas, indústrias novas nasceram sob o estímulo do regime atual. E entre todas essas indústrias, tomam relevo as que servem a defesa nacional e que hoje se alevantam no imenso esforço exigido pela guerra: a grande siderurgia, as fábricas de aviões, a exploração das nossas riquezas minerais e extrativas, estradas de penetração. Nos deu, o Estado Novo, a ordem, a paz, um ambiente tranqüilizado pela certeza da justiça. Fez da juventude uma força disciplinada e consciente. Amparou e dignificou o trabalho. E no momento em que a nação foi agredida e insultada, o chefe de governo soube colocar-se decididamente dentro dos princípios da nossa inabalável tradição, defendendo a honra da pátria, a integridade do país, a nossa inalienável e sagrada soberania.”*⁵⁹

Ainda no ano de 1942, na edição número 92, em dezembro, a revista traz uma matéria extensa a respeito das comemorações em torno do 10 de novembro. A matéria “Cinco anos de Unidade, Ação e Esforço Construtivo”⁶⁰ é constituída pelo discurso proferido por Vargas durante sessão comemorativa no Teatro Municipal. Nas próximas páginas, uma matéria intitulada “O Grande Desfile Militar de 10 de Novembro” traz muitas imagens do desfile militar realizado nas proximidades do Ministério da Guerra (Figura 44). A prefeitura da capital preparou ainda mais uma solenidade em comemoração ao aniversário do regime. Aproveitando as comemorações nacionais, foi inaugurado o segundo trecho da avenida Presidente Vargas, uma obra gigantesca e que, segundo as fotos divulgadas na revista, reuniu muitas pessoas na referida ocasião.

⁵⁹ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.91, Rio de Janeiro, novembro 1942, p. 5.

⁶⁰ **Ilustração Brasileira**, ano XX, n.92, Rio de Janeiro, dezembro 1942, p. 24.

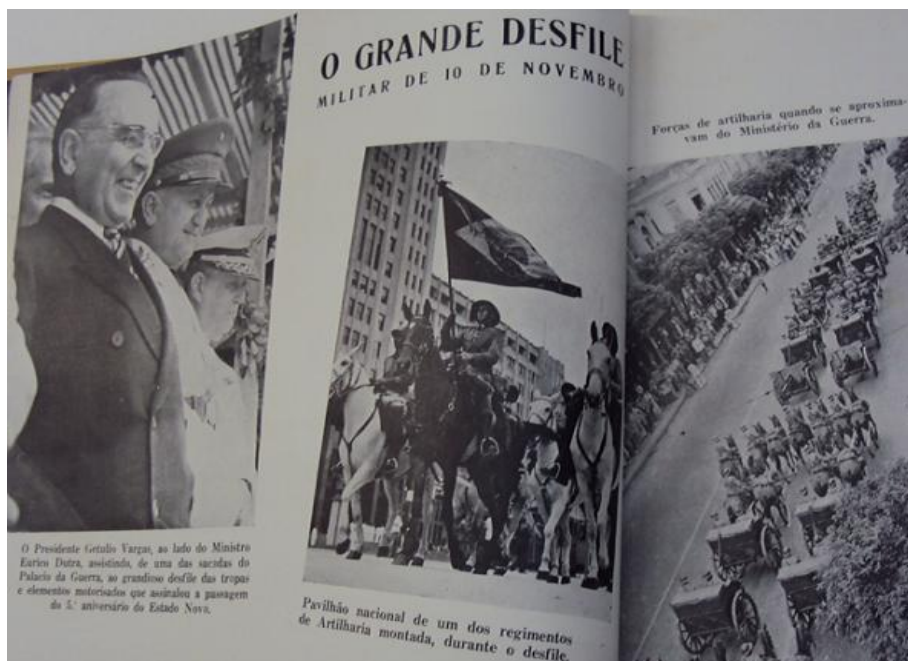


Figura 44: Edição n. 92, ano XX, dezembro 1942, p. 26 e 27.

Na edição número 104, de dezembro de 1943, um grande texto chamado “O Estado Nacional”, faz homenagem ao chefe do país em decorrência de mais um aniversário do Estado Novo. Ao ler a passagem abaixo, é fundamental que se perceba, além da questão do incentivo ao patriotismo, a questão da afirmação da unidade nacional e a clarividência do chefe que consegue prever o que é melhor para a nação e ainda por cima consegue providenciar soluções:

“Inegavelmente, mesmo os “ateus” do patriotismo, os brasileiros todos reconhecem o quanto de útil e de benemérito se realizou nestes mais de dois lustros e em especial modo nos seis anos derradeiros. (...) Chefe que foi de uma revolução vencedora, o Sr. Getúlio Vargas soube colocar-se longe e acima das paixões. (...) Todos os brasileiros tem hoje uma idéia panorâmica da gigantesca ação construtiva desenvolvida após a instituição do Estado Nacional. (...) Acima de tudo, o gesto de 10 de novembro deve ser considerado como resultante da clarividência de um homem de governo com capacidade para prevenir acontecimentos ainda não esboçados. Foi obra de um vidente.”⁶¹

⁶¹ **Ilustração Brasileira**, ano XXI, n.104, Rio de Janeiro, dezembro 1943, p. 32.

Considerações Finais

A criação de um calendário cívico, com ciclos de comemorações e festas, teve um papel importante na construção de uma nova imagem da nação. As cerimônias cívicas, com sua intensa carga dramática, teriam um papel importante no sentido de produzir unidade, dando um ar de sacralidade à imagem da nação. As festas procuravam afirmar a unidade entre elite e massa, Estado e sociedade e simbolizaram, ao mesmo um tempo, o retorno à harmonia nacional, que o novo regime afirmava ter sido destruída pela Primeira República. O calendário propunha um conjunto de virtudes cívicas que serviriam de guia em direção à modernidade, à soberania e à ordem.

A festa foi um útil instrumento na construção da nação e de Getúlio Vargas como sendo um homem trabalhador e que demonstra sacrifício e bondade, estreitando o envolvimento dos diversos setores sociais. A sociedade esteve envolvida nos festejos do Estado Novo, desde a infância, com os escolares, passando pelos jovens nos desfiles e paradas da juventude, chegando aos adultos, aos trabalhadores, integrantes das forças armadas ou intelectuais.

A pesquisa me ajudou a perceber que elementos religiosos estiveram presentes nas comemorações cívicas, e que ajudaram na construção de uma cidadania do trabalho. Como vimos, as comemorações, em muitos momentos com direito a celebração de missas, transformaram-se em momentos de exaltação patriótica e também de propaganda política legitimando as idéias de uma nação una e trabalhadora. Os discursos presentes nas comemorações, durante o Estado Novo, revestem-se de termos religiosos, construindo uma relação entre religião, política e cultura.

Já foi dito a respeito de a imprensa, através de recursos como a revista Ilustração Brasileira, revestida com material de qualidade e preço significativo, buscar atingir o público letrado e elitizado. Porém, cabe ainda dizer que a imagem foi de grande utilidade para o Departamento de Imprensa e Propaganda para atingir também o público analfabeto e fazê-las aceitar e aderir ao regime.

Admito que, devido a falta de tempo para a pesquisa diretamente no acervo do CDHIS, a análise que fiz da revista foi breve, porém muito instigante. Acredito ser possível abrir meu campo de pesquisa pois agora, ao término deste trabalho, tenho certeza de que existe ainda muito a ser pesquisado minuciosamente . Esta monografia, mesmo com todas as dificuldades que enfrentei, aguçou ainda mais minha vontade em trabalhar ainda mais a respeito deste tema, principalmente por ter ficado diante de uma fonte tão rica quanto a Ilustração Brasileira.

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. **O Império do Divino**. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou, o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Aline Ramos. **O poder das imagens no Estado Novo**. Anais Eletrônicos do I Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, maio 2007.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena** – propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. *In*: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 167- 178.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? *In*: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil Republicano** – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 109-143.

DÂNGELO, Newton. **Escolas sem professores**: o rádio educativo nas décadas de 1920/40. São Paulo: PUC, 1994. Dissertação (Mestrado em História).

DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930, o silêncio dos vencidos**: memória, história e revolução. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**. Imaginário político no Brasil nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo**. Ideologia e propaganda política. São Paulo, Loyola, 1982.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial**. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. Trad. Suzana Ferreira Borges. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v.5. p.95-106.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____. Coerção e persuasão no Estado Novo. **BrHistória**. São Paulo. Ano1, n.5, 2007, p. 23-31.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo: Edusp, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. **Estado Novo**. Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.) e SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**, v. 3 - República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo. Companhia das Letras, 1998, p. 513-619.

_____. O Prelúdio Republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.) e SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**, v. 3 - República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo. Companhia das Letras, 1998, p. 7 – 48.

SCHEMES, Cláudia. **Festas Cívicas e Esportivas no Populismo**: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937 – 1945) e Perón (1946-1955). São Paulo: USP, 1995. (Dissertação de Mestrado).

SODRÉ, Nelson Werneck. A grande imprensa. In: **História da imprensa no Brasil**. 4 ed (atualizada) - Rio de Janeiro, Mauad, 1999, p. 251 – 389.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30**: memória, história e revolução. 6 ed.. São Paulo: Brasiliense, 2004.

VAZ, Aline Choucair. **Festas cívicas no Estado Novo**: rituais de poder no imaginário mineiro (1937-1945). SOARES, Astréia (org.). INICIAÇÃO

CIENTÍFICA NEWTON PAIVA 2000/2001. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2002. p. 151-171.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. *In*: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 351-386.

_____. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In*: DELGADO, Lucília de A. N.; FERREIRA, Jorge (org.) **O Brasil Republicano** – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 145 – 179.

_____. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. *In*: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Estado Novo: ideologia poder**. Rio Janeiro: Zahar Ed. 1982, p. 71-108.

VESENTINI, Carlos A. DE DECCA, Edgar S.. A revolução do vencedor. **Ciência e Cultura**, v.29, p. 25-32, jan. 1977.